

## **Anistiado político: LUIZ ANTERO**

**Data de nascimento: 02/03/1942**

Interessei-me por política no ano de 1960, quando fui eleito representante de classe. Após ser representante me juntei ao Grêmio – Grêmio Literário Castro Alves. Participei do Congresso Estadual da União Goiana dos Estudantes Secundaristas. Após o congresso me candidatei a secretário geral do Grêmio, fui eleito com expressiva votação, mais votos que o presidente e o vice. Logo após assumi a vice-presidência. Neste ínterim, já viajava e tomava conhecimento do que acontecia no país. A Revolução Cubana já trazia alguns lampejos de que a juventude há muito já havia assumido o poder do governo revolucionário na América. Depois desta eleição, participando ativamente de greves, seminários, lendo livros, estudando, fui convidado a participar da União Goiana de Estudantes Secundaristas como um de seus membros, ocupando várias secretarias.

## **RESTAURANTE**

Finalmente, no ano de 1962, fui convidado a fundar um restaurante para estudantes carentes de Goiás. Era um grande desafio, pois eu era um elemento jovem, nunca havia ocupado cargos executivos, e teria que fazer tudo, começando do zero.

Partimos para esta empreitada, não só eu como toda a diretoria da União Goiana dos Estudantes Secundaristas. Já existia um restaurante universitário, mas não existia um restaurante secundário.

Depois de muitos contratemplos conseguimos inaugurar o restaurante. Pensamos que daí em diante seria fácil, mas foi um grande engano. Manter um restaurante funcionando sem receita, sem saber onde adquirir os alimentos, sem saber como contratar pessoas com mais experiência para ajudar na administração e sem saber onde encontrar um cozinheiro, pois não sabíamos cozinhar.

Foram grandes desafios e quando o restaurante começou a “embalar”, partimos para uma ampliação no atendimento, começamos a atender também desempregados e pessoas que vinham do interior. Tivemos também um dormitório.

Nesse ínterim, viajando e lendo sobre a Revolução Cubana, houve um despertar para um caminho filosófico. Compreendemos que a nossa luta era mais ampla e que era necessário que a juventude a liderasse. Vimos isso na greve: vai o estudante, depois vai o pai do estudante buscar o filho, o filho permanecia na greve, a polícia vinha, batia no pai, batia no filho.

Com isso, vimos que teria que haver um desenlace, e que havia um longo caminho a ser percorrido. Fomos estudar, trabalhar, viajar, e sentimos a necessidade do povo, já não era apenas as necessidades dos estudantes, mas a necessidade do povo em geral. Naquele tempo existia muita terra devoluta em que a pessoa entrava, derrubava, queimava o mato, plantava e quando chegada a hora da colheita o fazendeiro vizinho colocava o gado lá.

Essas pessoas vinham para a cidade e não tinham com o que se manter, tinham muitos ideais, muita filosofia, muita poesia, mas tinham também que se alimentar. Foi aí que entramos com todo desprendimento. Nosso objetivo era criar o restaurante e fazer com que ele funcionasse. Um grande desafio manter um restaurante sem dinheiro. Tínhamos algumas pequenas receitas da época em que se confeccionava as carteirinhas para os estudantes, mas durante todo o ano até que chegasse o momento de se distribuir as carteirinhas outra vez, sobrevivíamos com doações, saíamos pelas ruas pedindo. Este restaurante funcionou até o Golpe de 1964. Saíamos quatro estudantes, cada um segurando em uma ponta da bandeira nacional, íamos de comércio em comércio, porta em porta, explicávamos o que era o restaurante, falávamos da necessidade dele funcionar e pedíamos as doações. As pessoas ajudavam com dinheiro e alimentos. Era um trabalho difícil, mas valia a pena. No final nos sentíamos gratificados com o trabalho realizado.

O atendimento do restaurante variava de acordo com a necessidade, não tinha um horário fixo padrão. Em períodos de greve, por exemplo, se fazia almoço duas, três vezes ao dia.

Naquele tempo não tinha televisão, a diversão era o cinema; todos íamos pra lá, depois fazíamos a greve. Para não sentirem raiva de nós, explicávamos o porquê da greve, o porquê de se ter carteira de estudante. Os estudantes ficavam sem se alimentar correndo de lá para cá, então o restaurante funcionava quase que interrompemente.

O preço era simbólico, nos dias de hoje seria equivalente a R\$0,45 (quarenta e cinco centavos). Obviamente os custos eram maiores, mas tentávamos compensar com os pedidos de doações.

No almoço e jantar em dias úteis, se alimentavam no mínimo 100 (cem) estudantes, a grande maioria carentes. Vinham também do interior e se hospedavam. Vários grêmios estudantis de escolas do interior vinham participar de congressos, seminários e reuniões da União Goiana dos Estudantes Secundaristas, nosso objetivo era alimentá-los.

Meu sonho, juntamente com todos os diretores da UGES, era fazer o restaurante funcionar. O restaurante ajudou muitos sindicatos. Zé Porfírio mesmo mandava seu filho escrever bilhetes para darmos alimentação a alguns camponeses. Repetindo a história: o camponês tinha todo o trabalho com a limpeza da área e produção, quando chegava a colheita o fazendeiro cercava a área e entrava. Esses camponeses vinham para Goiânia e procuravam as associações; as associações mandavam nos procurar, nós os recebíamos, ajudávamos e os encaminhávamos. Contávamos com a ajuda do Secretário do Trabalho na época, Edson Guimarães; do deputado Zé Porfírio; do deputado eleito pelos estudantes, Cristóvão do Espírito Santo.

O restaurante funcionava no antigo “Castelinho”, que foi destruído no golpe militar. Primeiramente saquearam, depois destruíram o prédio. É importante salientar que a UGES foi o primeiro dentre todos os sindicatos e associações a ser tomada pelos militares. O golpe destruiu tudo, não sobraram nem as fotos, haviam várias fotos; os materiais do restaurante foram todos saqueados. O prédio foi passado para a polícia e hoje não existe mais nada, nem o alicerce. Destruíram tudo para que não contássemos a história que estamos contando hoje. A história do restaurante que ajudou as famílias carentes, os estudantes carentes a realizarem seus sonhos de se formar. Tudo isso era nossa luta, era nosso objetivo.

## **GREVES**

Aconteceram várias greves, greve de um dia, de vários dias, greves semanais. As greves semanais eram as que mais sacrificavam o restaurante, pois tínhamos que dar alimentos a todos.

Nessas greves é que se começava a conscientização dos estudantes. Os que estavam mais na vanguarda, os que liam mais, os que entendiam mais da filosofia, eram os líderes. Os vanguardistas é que explicavam tudo aos outros em plena assembleia. Diziam: “Vamos parar de quebrar ônibus, vamos fazer assembleias e explicar que aquilo era pequena faísca diante de uma explosão que poderia vir futuramente, vamos explicar o que estamos fazendo aqui e quais são nossos objetivos”.

Sempre nos espelhamos nos vitoriosos e abnegados revolucionários da pérola das antigas de Cuba, porque eram as únicas que iam contra o aumento dos ônibus e do cinema, que ameaçavam fazer greve. Aliás, a primeira greve dos professores foi liderada pela União Goiana dos Estudantes Secundaristas. Devido aos atrasos no pagamento do salário dos professores, nós os arrastávamos para fora da sala de aula. Como eram apenas nomeados tinham medo de perder o emprego; estavam sem receber, mas tinham medo de fazer greve, nós que os incentivávamos. Nós fomos os primeiros a puxá-los, a arrastá-los da sala de aula para se juntarem a greve para que pudessem receber e melhorar seus próprios salários. Ao fazermos greves com relação aos ônibus, os patrões incentivavam os motoristas a virem contra nós. Pressionava-os dizendo que iam perder o emprego se nós estudantes continuássemos a quebrar e colocar fogo nos ônibus. Os motoristas dispostos a defenderem seus empregos vinham contra nós.

Eles não sabiam que a nossa luta também era a favor deles, nossa luta era a favor de todos os trabalhadores, todos os assalariados, mas eles não tinham essa visão. Além de corrermos deles, eles também ameaçavam invadir a nossa sede. Nós que tínhamos uma visão mais ampla tentávamos explicar os objetivos de toda a luta, mas eles não aceitavam nossos argumentos; tinham por trás os chefes que eram grupos de empresários que nós sabíamos os nomes e endereços e eles, também, sabiam onde estaríamos por sermos um número reduzido de pessoas.

## **MILITÂNCIA**

Nós partimos à procura de conhecimento. Lendo livros de história, nós descobrimos o PCB, que na época era o partido mais organizado e que tinha uma juventude estudantil comunista. Fomos mantendo contato, conversando, mas sempre lutávamos para sermos comunistas mais independentes, nacionalistas, mais tarde transformados em socialistas.

Tínhamos que ler, e através de cursos e seminários descobríamos o porquê se estava lutando. Através disso, um grupo de jovens resolveu fundar o Partido Comunista do Brasil, que era composto por estudantes, em sua maioria secundaristas, alguns universitários e outras poucas pessoas que eram professores universitários. Nessa época poucos professores secundaristas tinham ligações filosóficas com o partido.

Partimos para fundação do partido, nem todos os diretores da UGES participaram da fundação, parte deles queriam permanecer independentes e não entravam em organização nenhuma, mas líamos os livros e discutíamos.

Criamos o PC do B. Alguns permaneceram no PCB, e futuramente surgiu a Liga Camponesa, onde outro grupo fazia parte e outros foram para a ala vermelha do PC do B. Continuávamos a desenvolver nossas tarefas revolucionárias, sabíamos que tínhamos que doar e termos desprendimento para fazer esta luta.

Levávamos sempre o pensamento de Aquiles, herói de Troia, que dizia que era melhor morrer jovem em plena batalha, que ficar velho, enrugado, sendo amparado para ir ao banheiro. Pensávamos então: vamos fazer a coisa, e é agora, respaldados no vibrante exemplo dos jovens de Cuba.

Aconteceu o Congresso Internacional na... a juventude estava em ebulição no mundo todo, e também na América Latina, pelo reflexo da Revolução Cubana. Os desempenhos dos comunistas que estavam sem agremiações nos preocupava, tentávamos trazê-los também para esta luta.

Eu pessoalmente saí do PC do B, porque a revolução estava demorando para acontecer. Hoje há uma autocrítica, falam que estávamos nos antecipando, cortando etapas, mas nós estávamos com pressa, e após a reunião no Chile em que todos os Partidos Comunistas falavam que o Partido entrou tardia e afrouxadamente na revolução, nós víamos que não podíamos ficar amarrados em organizações que não estavam focadas na revolução. Tínhamos que avançar, e avançamos.

Quando veio o golpe de 64 em pleno apogeu, eu já estava em outra organização, chamada POLOP – Política Operária. Um grupo coeso e de boas pessoas, todas praticamente escolhidas a dedo. Tentaríamos avançar e crescer trazendo os descontentes, os que não estavam militando em outras organizações. E nós conhecíamos vários. Seria esse nosso objetivo.

Era um grupo muito capaz intelectualmente, um grupo evoluído, não através de diplomas, mas sim na ciência, nos conhecimentos teóricos do Marxismo e Leninismo. Era a “fina flor” existente em Goiânia naquela época. Vários e bons revolucionários haviam saído do país e o que sobrou foi esse grupo.

Já “desgarrado” do PC do B, angariando um grupo de revolucionários, de guerrilheiros que avançassem no processo, acreditávamos que se avançassemos e intermediássemos com a massa poderíamos puxá-la. Tínhamos pressa. Muitas pessoas não estavam com pressa, não estavam entendendo, e quando se instalou o golpe de 1964 muitas saíram do país. Eu não saí, eu permaneci e foi o que me acarretou desgaste físico e mental. Na prisão me questionavam sobre isso, o porquê de todos terem saído do país e eu não, eu era visto como um elo com os que foram para o exterior. Muitos anos depois descobriram que eu não tinha ligação com eles. Me questionavam do porque ter ficado e eu dizia: Fiquei por ser elemento consciente, o que eu estava fazendo não era um processo “Maria vai com as outras”, o que eu estava fazendo era revolução, e com a revolução eu tinha que pagar pelo crime, o crime era só ideológico, mas eu queria ficar e arrebanhar os que ficaram.

Como todos se foram, acabei sofrendo mais tortura. Fiquei sem amigos, os que não eram conscientes fugiam de mim; os conscientes fugiram, foram para o exílio ou foram

clandestinamente para outros estados. Ao mesmo tempo houve várias rachas: ALN, Frente de Esquerda, POLOP, POC, e as prisões foram acontecendo, fomos perdendo o elo, mas eu permaneci em Goiânia e paguei caro por isso.

## **GUERRILHA**

Participei, mas não estive no local. Era tão secreto que até hoje não sei onde foi, era para o lado de Jataí. Foi um grupo de pessoas, a mais conhecida, Daniel Ângelo, que futuramente veio a ser vereador de Goiânia, ele foi encarregado do núcleo que foi pra lá, fizeram caminhada, mantiveram um contato.

O grupo era pequeno, o grupo todo sabia que existia, mas nunca estive no local exato, era secreto até pra mim. Eu era o tesoureiro, mandava no dinheiro, comprava rádios pra lá. Havia armas leves, mas não houve nenhum enfrentamento.

Com o desmembramento deste grupo, o pessoal começou a retornar à Goiânia e decidiu que não seria o momento ideal, pois em São Paulo, vários membros haviam sido presos e assassinados. Assim, buscamos nossos “camaradas”. Até hoje nem o Exército, nem a Polícia Federal nunca falaram nisso. Foi tudo muito secreto.

## **O GOLPE**

No dia do golpe eu estava em Goiânia. Tinha bloco de parlamentar nacionalista em Brasília, tínhamos companheiros infiltrados no Exército, eles diziam que existia um dispositivo do Jango – João Goulart, que se eles dessem o primeiro tiro, lutaríamos muito mais em resposta, tínhamos essa ilusão, essa ilusão nos foi vendida.

No dia 1º de abril, dia da mentira, corremos pra lá, Exército e polícia estavam presentes e nós ficamos esperando o contragolpe. Reuníamos aqui e alí, o restaurante já não mais funcionou.

Nós nos reuníamos em casas, ligávamos rádios, assistíamos televisão (já havia em Goiânia dois canais sintonizados), o pessoal ligava para São Paulo para saber da situação. Os paulistas diziam “estamos fugindo”. Naquele momento tomamos conhecimento que tudo havia caído, sem um golpe, sem um tiro. Eles deram o primeiro e muitos outros tiros e nós não revidamos nenhum. Estávamos confiando que se eles desse um tiro, nós revidaríamos com outros dez, mas eles já deram dez em cima de nós e nós não revidamos. Imediatamente alguns saíram da cidade, ficávamos temerosos. Para ir a algum lugar avisávamos a alguém, dávamos satisfação para que se algo acontecesse soubessem onde estávamos.

Naquele tempo muitos foram presos e depois liberados por conseguirem habeas-corpus. Foi Rio, foi Brasília, foram as lideranças nacionais. Aqui eles foram em direção ao PCB e PC do B que eram as maiores e mais conhecidas siglas. Confiávamos no habeas-corpus, no governador da época, Mauro Borges e em seus assessores. Ficávamos esperando a reação, como não houve, ficávamos temerosos e sempre estudando as formas de fuga. Alguns fugiram, outros não.

## PRISÃO

Fui detido. Parece que não tinham o que fazer, nos prendiam a noite e liberavam pela manhã. Foram umas três, quatro vezes e não se tem nenhum registro. Eles diziam que eu não tinha porte físico, que me deixassem por alí mesmo que assim saberiam onde eu estava.

No final do ano de 1964 fui trabalhar, tinha emprego fixo, o que faziam pensar que eu não fugiria, mas continuaram sempre acompanhando. Sempre que algum conhecido saia da prisão me alertava, dizia que meu nome havia sido citado, ficava sempre precavido.

Trabalhei em farmácia, em seguida fui viajante de produtos farmacêuticos.

Em 1969 desmontaram toda a POLOP, escolherem-na e acabaram com ela. Foram todos detidos. Ficávamos na semiclandestinidade, tentando viver a vida da forma mais normal possível naquele tempo. Em 1964, dormíamos em um lugar, amanhecíamos em outro, pois tínhamos que articular partido, viajar, pichar, ler, estudar. Era uma vida vinte quatro horas dedicadas a causa.

Nos anos de 1964 e 1965 ficávamos mais dentro da cidade. Se fôssemos para o interior a situação se tornaria mais perigosa, pois tínhamos poucos conhecidos por ali. Ficávamos restritos aos ciclos de amigos e parentes. Íamos muito a casa de parentes que serviam ao Exército para tentar conseguir com que falassem qual era a situação, o que estava acontecendo.

Fui preso quando estava saindo de casa. Na primeira noite notei vários carros diferentes, e como as orientações eram para que fizéssemos sempre o mesmo percurso, nessa noite voltei por outro caminho. Chegando em casa, fui tomar água, o filtro ficava próximo a janela e ao lado um lote vago. Neste lote vago havia um fusca, e outro na rua. Naquele momento fiquei em alerta. Fui até o portão após apagar as luzes da casa, os carros já não estavam mais ali. Durante a madrugada, dormindo muito mal, voltei ao portão e havia um carro perto, e um dos dois fuscas que eu havia visto antes. Pensei que ele pudesse estar estragado no lote vago. Saí de casa, deixaram que andasse aproximadamente uma quadra e me pegaram, Fiquei incomunicável, ninguém sabia onde eu estava.

Vizinhos que tinham um mercado próximo avisaram aos meu familiares que haviam me prendido. Eles ficaram sabendo da apreensão, mas não conseguiram me localizar imediatamente, demoram alguns dias e me localizaram através de informações confidenciais. Eu estava detido, mas sabiam que eu estava ali, foi o que os tranquilizou. Eu estava preso, mas não tinham desaparecido comigo. Fiquei isolado. Minhas irmãs e minha noiva iam até a prisão levar cigarros, roupas, alimentos, mas eu não podia vê-las. Eles me ameaçavam de torturá-las quando fossem levar os mantimentos. Diziam que sabiam em que igreja minha mãe rezava e que iam levá-la até lá. Aquilo era um desgaste mental. Era bom quando o dia terminava e eu não havia escutado gritos de nenhum parente, era um alívio por não terem prendido minhas irmãs, minha mãe e minha noiva. Mas a semana começava outra vez, elas voltariam novamente, era uma guerra mental fabulosa e constante. Isso acontecia o dia todo, não tinha horários.

Levaram-me várias vezes para a Polícia Federal que ficava na Avenida Goiás. Nessas transferências vinham sempre as angústias e os questionamentos: “Será que estão mesmo me levando para a Polícia Federal?”, pois antes de nos levarem nos ameaçavam de morte. Essa saída era preocupante, era preferível ficar onde estava, pois em todas as saídas nos ameaçavam, diziam que nos matariam pelo caminho, ou desviariam e nos desovariam em local desconhecido.

Fiquei trinta e nove dias incomunicável, mais uns cinco para poder sair. Fiz barba para melhorar a aparência, lá havia ficado doente - esses cinco dias foram para me limpar. Me colocaram em cela coletiva para que pudesse conversar e sair mais tranquilo. Nesta cela haviam dez pessoas, o número de pessoas dependia do comandante do dia. Eu fiquei a maior parte do tempo confinado, sozinho, numa atmosfera terrível.

Aconteceram interrogatórios noturnos, na madrugada, para descobrirem o que eu sabia sobre o pessoal que estava fora e sobre as guerrilhas, era um processo doloroso que evito lembrar, mas temos que deixar registrado o que houve em Goiás.

Eu reluto em falar algumas coisas, inclusive no livro “A Ditadura Militar em Goiás”, evitei falar das questões físicas, falei mais da parte mental, porque sofremos duas vezes. Quem é mais próximo a nós, que lerá o livro e verá o filme comentará que não falei algumas coisas, do tanto que sofri, mas acho melhor poupá-los. Eu tinha vinte e poucos anos, sempre seguindo o lema de Aquiles: “Se vamos morrer jovens é agora, não vou ficar velho pra ninguém ficar me carregando pro banheiro”.

Acredito que saí bem, ando bem, não quebraram fisicamente nem pernas nem braços, só ficaram nas ameaças. Em termos, acredito que saí muito melhor que muitos, não pensava que sairia desse jeito. Saí urinando sangue, com rins e as genitálias inchadas, mesmo com toda a situação ainda me senti feliz ao fazer os exames e constatar que ainda era potente.

Casei e uma das grandes alegrias da minha vida foi saber que minha esposa havia engravidado. Minha filha nasceu normal, depois vieram mais três filhos, com tudo isso vi que valeu a pena.

## **AS MARCAS**

Nós viajamos para São Paulo e Brasília e víamos isso. Os companheiros perguntavam: “quando você entrou tinha algum pipoqueiro? Tinha alguém vendendo picolés? Tinham quantos picolés?” Ficamos neuróticos. Com relação a horários até hoje. Se marcamos às 15h, britanicamente estaremos lá. Levaremos isso para o resto da vida.

Afastei-me, fui participar da militância e política novamente já na anistia. Fiquei dois anos em tratamento quando saí da prisão, não podia trabalhar, não podia me alimentar com nada que tivesse sal. Fiz vários exames e fiquei impossibilitado de trabalhar por dois anos. Com uma melhora na saúde, procurei trabalho como viajante farmacêutico. Ia no laboratório, fazia bons testes, mas nunca conseguia a vaga. Procurava me informar do motivo pelo qual não era contratado, diziam que a presidência do laboratório havia encontrado algo. Depois ficávamos

sabendo que o motivo era a DOPS, problemas em São Paulo, os industriários, meu nome estava lá. Fazia os testes aqui, era bem recebido, me saía bem, por que não me aceitavam? Era a lógica, íamos descobrindo o porquê.

Era uma tortura, pois eu queria progredir na vida em termos financeiros, queria estudar, mas havia esses bloqueios que não eram bem divulgados na época.

Perguntavam-me: “Por que não estuda?” O motivo era que tínhamos o nome nos restringido nesses locais, porque eu tinha sido um estudante na época.

Quero que fique bem claro que eu não era um dirigente estudantil, eu era um líder estudantil. Como liderança era que promovia as greves. Criei e fiz o restaurante funcionar juntamente com um grupo de jovens diretores, porém, eu direcionei minha visão e luta para o restaurante. Fico dizendo “eu fiz”, mas é porque fiquei tão dono daquilo, mas logo me corrijo: era nosso.

Até pensávamos que fosse paranoia, mas eu um documento que pedi no Arquivo Nacional constava que eu era membro da POLOP, outros dados e a frase escrita pela própria Polícia Federal na última linha: “Continuará a ser seguido”. Tenho este documento em casa para provar que não era paranoia, eu estava mesmo sendo seguido.

Fiquei dois anos sem trabalhar por problemas de saúde, fazia testes nos laboratórios, os gerentes e supervisores regionais elogiavam os testes, diziam que eu seria contratado, mas no final não era, acabava sendo outro tipo de tortura.

Saí para a luta, queria mudar o mundo e tentei. Minha parte foi feita, mas cheguei à conclusão, como Che Guevara falava: “Destroem uma, duas, três rosas, mas jamais conseguirão deter a primavera” e a primavera chegou. Estamos em plena liberdade.